

## O vaso quebrado

Esta manhã comprei beladonas no mercado, são as primeiras beladonas, de um rosa forte, com marcas de chuva. Comprei uma jarra azul, com desconto porque tinha uma pequena falha, não sei que conclusões tiraria Henry James desse facto, há vasos com uma pequena falha em *The Portrait of a Lady* e *The Golden Bowl*; tenho de reler *The Golden Bowl* um dia destes, quando terminar o romance. O perfume intenso das beladonas envolve o quarto, daqui a pouco estender-se-á pela casa toda, não há beladonas neste livro, há lilases e íris, e Jane usa o meu anel de esmeraldas e continua à espera do seu Tom. E eu tenho de ouvir *Ne me quitte pas* e concentrar-me no teu rosto a preto e branco para sentir alguma coisa; deitei fora as tuas fotos mas elas estão por todo o lado, o teu rosto por todo o lado, e é estranho olhar para ti e não sentir nada. Ou talvez, uma certa emoção, mas só quando ouço *Ne me quitte pas*, «je creuserai la terre jusqu'après ma mort pour couvrir ton corps d'or et de lumière», tu não me disseste essa frase mas outras de que gosto mui-

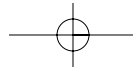
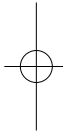
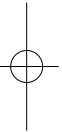
to, e que por vezes entram nos meus livros, «tu és uma mistura de mulher, de bicho, de nevoeiro», «tu és um verso de Rilke, pássaro quase mortal da alma», «pareces-te mais comigo do que eu mesmo».

Jane e Michael caminham numa cidade coberta de neve, sem nunca se encontrarem, e eu sinto a falta de neve, e de frio, e de nevoeiro, como sinto a falta dos quadros de Mark Rothko (o «meu» Rothko), e de alguns quadros de que nem sabia que gostava tanto, o tigre de Henri Rousseau, um S. Jerónimo de Savoldo, tenho saudades de Londres, daria de boa vontade este mar todo por uma manhã junto ao Tamisa, não quero mar, quero um rio, não quero sol, quero longas noites de nevoeiro, e também não te quero a ti, quero a minha solidão, e não me importo que um dia digam dos meus livros o que disseram dos de Henry James, que são catedrais (neste caso capelas) vazias com um gatinho morto no altar.

Todos nós precisamos de «uns dez por cento de esperança» para continuar a escrever ou para amar outra vez. Estou a pensar num filme de Brian De Palma, *Obsessão*. Michael (Kris Kristofferson) sobe lentamente as escadas de uma igreja em Florença, e no interior encontra uma mulher (Genevieve Bujold) igual à que encontrou muitos anos atrás, com quem casou e teve uma filha, e que de certa forma assassinou. Ela está em cima de uma plataforma, trabalha na reparação de um fresco, é ainda muito jovem. Michael sente que ela é a sua segunda oportunidade, ensina-a a caminhar, não o andar italiano mas o de alguém que desliza, a pentear-se de forma diferente, a ser um simulacro da mulher que amou. É estranho imaginar a história do ponto de vista de Amy, a traição do pai

quando era pequena, todos aqueles anos em Florença, à espera, e o dia em que o viu entrar na igreja e deu início à sua vingança; e depois o regresso a Nova Orleães, à casa onde passou os primeiros anos de vida — ela sobe as escadas e entra nos quartos, detém-se à frente de um retrato, e depois de um espelho, experimenta os colares de pérolas, e na noite do casamento transforma-se na mulher morta...

*O Falcão Inglês* de Steven Soderbergh: há um pai que procura descobrir por que motivo morreu a sua filha, há um pai que procura a filha, «Tell me about Jenny», mas acima de tudo há o rosto de Terence Stamp que me toca muito fundo, a sua voz. Os seus olhos não mudaram desde o tempo de *O Coleccionador*, os seus olhos azul-lâmina. Este é um filme que não se pode contar, porque não se pode contar um rosto. É gosto de lembrar-me do final, as imagens de um outro filme, e um Terence Stamp muito jovem a cantar uma canção dos anos 60: «Freedom is a word I rarely use, without thinking, without thinking, of the time, of the time, when I was loved.»



## O castelo em ruínas

Há uma novela de Henry James (não te lembras do título, da história, só de algumas imagens e *deles*, sentados numa sala escura, onde a imobilidade dos objectos...) que termina com as palavras «I'm old». Imaginas que o homem estava sentado junto à lareira quando as disse, ou as pensou, que a mulher estava de pé, envolvida no silêncio dos objectos, ela que minutos antes lhe falara daquele momento único, a partir do qual nada é o mesmo, em que alguém descobre que envelheceu. E lembras-te bem do longo, profundo alívio de ter chegado ao fim e da densa liberdade... a liberdade do falcão, feio, distante, de que ninguém gosta... Mas essas palavras são de Truman Capote (porque tu és feita da matéria dos livros, e a tua memória...).

O teu rosto no espelho. As linhas na testa, à volta dos olhos, a linha funda junto à boca (se ele ainda te amasse dir-te-ia versos de John Donne, no teu rosto o tempo não cavou sepulturas mas ergueu um túmulo), os dois cabelos brancos misturados com o cabelo castanho, quase